

O PIBID NA FORMAÇÃO DE EDUCADORES MUSICAIS: Identidade profissional

Mariana Barbosa Ament
UFSCar
edmusical.ma@gmail.com

Ilza Zenker Leme Joly
UFSCar
edmusical.ma@gmail.com

Resumo: Para que haja uma educação musical de fato humanizadora, é necessário formar professores mais humanizados, e que poderão auxiliar no processo de humanização de seus educandos. Acreditamos que, na formação inicial, os licenciandos aprendem e ensinam num processo que pode ser importante para sua atuação profissional como educador. Este artigo, é fruto de uma pesquisa de mestrado que se atentou em aprofundar conhecimentos sobre qual a influência do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência na formação de Educadores Musicais e na construção de sua identidade profissional considerando o programa, um dos principais incentivadores da docência e que proporciona parcerias entre escola e universidade em um processo de construção conjunta para a formação do licenciando. A fim de saber de educadores musicais, quais suas aprendizagens mais significativas durante a participação no PIBID, escolhemos três sujeitos que se formaram em licenciatura em Música e participaram do programa durante sua formação inicial. Por meio de análise documental e entrevistas abertas individuais os sujeitos puderam relembrar algumas aprendizagens e dialogar sobre suas práticas profissionais após a formação em licenciatura. Dessas coletas de dados, surgiram três categorias de análise, porém este artigo apresentará apenas a categoria “Identidade profissional”. Em sua análise, percebemos que, cada vez mais devemos valorizar e criar programas, projetos e ações na universidade que aproximem e ou inserem os licenciandos na rotina da escola e que promovam compromisso e respeito, ou seja, práticas mais humanizadoras.

Palavras chave: Educação Musical Humanizadora, Formação de Professores, Aprendizagens da Docência.

Por uma Educação Musical Humanizadora

Acreditamos em uma Educação Musical que, tendo como objetivo, formar cidadãos por meio do diálogo, da reflexão, da crítica, da criatividade, do respeito. Essas qualidades trazem em seu bojo, processos humanizadores.

Em um movimento crítico e partindo de experiências vivenciadas em Educação e Educação Musical, o grupo de estudos Educação Musical, Cultura e Comunidade, vinculado à

linha de pesquisa em Práticas Sociais e Processos Educativos do Programa de Pós-Graduação da UFSCar, liderado pela professora Doutora Ilza Zenker Leme Joly, desde 2009, vem refletindo e discutindo concepções de Educação e Educação Musical, aproximando as duas áreas mediadas.

Ao promover leituras, estudos e conversas, o grupo vem incentivando profissionais e pesquisadores envolvidos a se posicionarem criticamente e aproximarem sua prática pedagógica ao conceito de Educação Libertadora.

Resultado disso foi uma discussão mais aprofundada do que o grupo passou a chamar de *Educação Musical Humanizadora*.

Admitimos que esses processos podem e devem estar presentes na Educação Musical com o intuito de oferecer ferramentas para a formação integral do ser humano e potencializar processos educativos humanizadores ao fazer música.

H. J. Koellreutter, músico que teve muita influência no campo da educação musical coloca o humano como objetivo primordial desta área de conhecimento. Ele defende que o ensino de música deve ser realizado em um ambiente em que o ser humano é compreendido em sua totalidade, com suas diferentes formas de aprendizagem (BRITO, 2011).

Aquele tipo de educação musical não orientado para a profissionalização de musicistas, mas aceitando a educação musical como meio que tem a função de desenvolver a personalidade do jovem como um todo; de despertar a atividade, como, por exemplo faculdades de concentração (autodisciplina), de trabalho em equipe, ou seja, a subordinação dos interesses pessoais aos do grupo; as faculdades de discernimento, análise e síntese, desembaraço e autoconfiança, a redução do medo e da inibição causados por preconceitos, o desenvolvimento da criatividade, do senso crítico, do senso de responsabilidade, da sensibilidade de valores qualitativos e da memória e, principalmente, o desenvolvimento do processo de conscientização de tudo, base essencial do raciocínio e da reflexão, em nosso tempo. (KOELLREUTTER apud BRITO, 2001, p.42)

Há práticas de educação musical que ainda favorecem o virtuosismo, portanto a individualidade do fazer musical, deixando de lado, a criação, a troca e a autonomia dos sujeitos em se apropriar da música como produção essencialmente cultural e social.

Portanto, precisamos de ações conjuntas para que o humano seja o objetivo primordial da educação e da educação musical: vemos na escola este potencial.

Autores da área como, Souza (2000), Kater (2012), Hentschke e Del Ben (2003) defendem uma Educação Musical escolar que valorize a diversidade, a experimentação, o diálogo, o respeito, ou seja, a formação de um cidadão mais sensível e crítico para viver no mundo e que vai ao encontro com o que foi apresentado até agora sobre as compreensões do que venha a ser este conceito.

Entre as ideias defendidas por esses autores, está a necessidade de buscar compreender as metas e os objetivos da educação musical para assim, pensar em práticas que influenciarão neste ambiente. Segundo Souza (2000), a função primordial da música na escola é “fazer contato, promover experiências com possibilidades de expressão musical e introduzir os conteúdos e as diversas funções da música na sociedade, sob condições atuais e históricas” (SOUZA, 2000, p. 176).

Kater (2012), revela apontamentos anteriores à organização metodológica. Ele considera que o ensino de música na escola tenha ultrapassado a questão de justificar sua importância. Temos agora, questões pertinentes quanto ao que será ensinado e com qual postura. De acordo com o autor, precisamos da construção de “alternativas contemporâneas” e não voltar a modelos anteriores de ensino de música nas escolas. Serão alternativas:

[...] que ofereçam condições a crianças e jovens de tomarem contato prazeroso e afetivo com sua própria musicalidade, desenvolvê-la e vivenciá-la, mediante experiências criativas, a música em seu fazer humanamente integrador e transformador; o que significa desenvolverem seus potenciais, conhecerem-se melhor e qualificarem sua existência no mundo (KATER, 2012, p. 42-43).

É necessário então, que as potencialidades a serem desenvolvidas nos educandos sejam contrárias àquelas que a escola oferece em outras áreas do conhecimento, como por exemplo, a memorização e a repetição. Por exemplo, em matemática, precisamos memorizar as regras e repetir por vezes as contas de soma, divisão, multiplicação, etc. para aprender.

Para que haja uma educação musical de fato humanizadora, é necessário então formar professores mais humanizados, e que poderão auxiliar no processo de humanização de seus educandos. “Sem um constante trabalho centrado na pessoa do profissional, e em sua acuidade ampla, poderemos comprometer seriamente a música criada, estudada e ensinada” (KATER, 1993, s/p).

Sendo a formação de professores a categoria mais responsabilizada “pelo processo educativo, ao menos quanto à ocorrência prática, são eles que devem ter uma formação para serem formadores, no sentido de serem agentes facilitadores” (SCHULS, 2009, p.57).

Questão e Objetivos da pesquisa

Como ex-bolsista do PIBID, orientadora e estudante, já tinha a curiosidade de saber o que meus colegas aprenderam durante a experiência prática na escola quando eram bolsistas e quais as implicações dessas aprendizagens na real atuação, agora como profissionais. O PIBID contribuiu para a escolha da profissão? Quais aprendizagens foram significativas para este momento?

Enfim, eram muitos questionamentos que me levaram a escrever artigos, publicar em eventos acadêmicos e dialogar com educadores, bolsistas e professores da educação básica, nesses eventos, sobre as possíveis aprendizagens, avanços e até mesmo frustrações sobre o PIBID.

Desse modo, considerando os diálogos, as bibliografias estudadas e minha vivência como bolsista do PIBID, chegamos à seguinte questão de pesquisa:

Quais as influências do PIBID na formação de Educadores Musicais e na construção de sua identidade profissional?

Diante desse questionamento, os objetivos da pesquisa são:

Objetivos gerais:

Identificar e compreender que processos educativos foram gerados pelo PIBID por meio da participação de educadores musicais como bolsistas do programa.

Objetivos específicos:

- Verificar se as experiências pedagógicas vivenciadas contribuíram para a formação desses educadores.
- Verificar se os processos educativos vivenciados no PIBID contribuíram para a formação de identidade profissional desses educadores.

Metodologia da pesquisa

O método de abordagem da pesquisa foi qualitativa, de modo que estivemos mais preocupados com o processo que se deu do que com os resultados obtidos.

Os caminhos metodológicos se deram desde o início do trabalho e foi descrito passo a passo.

Convidamos ex-bolsistas do PIBID entre os anos de 2010 à 2013 para fazerem parte da pesquisa por meio de mensagem eletrônica (e-mail). Escolhemos esta faixa de tempo por que o programa não teve interrupções na área de música.

O perfil de sujeitos que procurávamos eram licenciandos participaram do programa, concluíram o curso de licenciatura em música e atuam como educadores musicais.

Dos convidados, três sujeitos aceitaram o convite e se encaixavam no perfil.

Perfil dos sujeitos

Apresentaremos um resumo biográfico dos três sujeitos feito pelo(a) pesquisador(a), e devidamente revisado, priorizando os cuidados com a divulgação de informações a fim de não causar nenhum constrangimento ou prejudica-los de alguma forma.

Os nomes dos sujeitos não são fictícios. Eles escolheram colocar seus nomes reais na pesquisa.

Matheus Pagliacci: formou-se em Educação Musical no ano de 2011 e atuou como bolsista do PIBID durante dois anos em uma escola estadual situada em uma região periférica da cidade de São Carlos. Durante este período, participou de projetos como: fanfarra escolar, projeto interdisciplinar “Música também ensina História”, projeto

“Descubra a Orquestra” (Projeto da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo). Todos esses projetos foram realizados por sete bolsistas.

Após a saída do Programa, Matheus Pagliacci iniciou seus estudos em piano popular em uma escola de música do estado de São Paulo bem como seu trabalho administrativo em uma empresa japonesa fabricante de instrumentos musicais, especificamente com a função de implantar uma escola de música na cidade de São Paulo sob a ótica e olhar de um profissional da Educação Musical. Atualmente, é responsável pelo marketing da escola.

Felipe de Souza: formou-se em Educação Musical no ano de 2012 e atuou como bolsista do PIBID durante três anos, de 2010 a 2012, na mesma escola de Matheus Pagliacci. Neste período, participou dos projetos já mencionados na descrição do primeiro sujeito, porém como participou um ano a mais que Matheus Pagliacci, pôde dar continuação à sua participação no projeto de Fanfarra entre outros projetos que aconteceram no ano de 2011.

Após a saída do programa, Felipe de Souza não continuou estudos em Educação Musical pois requer investimento, porém é de seu desejo realizar estudos na área de instrumento, especificamente, bateria. Ao final de 2013, Felipe de Souza atuou como professor substituto de artes do Estado de São Paulo em uma escola rural da cidade de São Carlos e no início de 2014 realizou concurso como professor efetivo do Estado de São Paulo, onde leciona atualmente. No momento, ele atua em uma escola estadual localizada no centro da cidade de São Carlos, também responsável pela disciplina de artes.

Mateus Corusse: formou-se em Educação Musical no ano de 2013 e atuou como bolsista durante o mesmo ano, na mesma escola que Matheus Pagliacci e Felipe de Souza. Durante este período participou de projetos especiais como fanfarra, oficinas de violão e de projetos interdisciplinares como, por exemplo, um projeto realizado em parceria com uma professora da área de português.

Durante sua graduação ministrou aulas de musicalização, violão e flauta doce em um projeto social, no mesmo bairro que fica localizada a escola na qual atuou como bolsista no PIBID, o que facilitou o vínculo pré-estabelecido com alguns alunos da escola por conta de participarem também do projeto. Quando entrou como bolsista no PIBID, deixou seu vínculo empregatício com o projeto, porém continuou ministrando aulas voluntariamente e

atualmente, após a saída do programa, Mateus Corusse iniciou seus estudos de mestrado, cujo, o campo de pesquisa será o projeto social na qual esteve vinculado durante alguns anos.

Coleta e Análise de dados

Sabendo quem eram os sujeitos da pesquisa, partimos para a coleta de dados, que foi realizada de duas maneiras:

Análise documental:

Alguns autores apontam a análise documental como maneira de comprovar dados que ainda ficaram superficialmente compreendidos na pesquisa, porém, nesta pesquisa iniciamos a coleta dos dados com a análise documental já que o período no qual queremos investigar (prática dos sujeitos enquanto bolsistas do PIBID) já havia se passado, mas haviam registros de diversas naturezas que poderiam apontar com mais certeza os processos educativos vivenciados.

Assim, requeremos o envio de documentos escritos que produziram durante a participação no programa na modalidade de portfólios¹.

Entrevista aberta na perspectiva de conversa:

Em suma, a entrevista livre ou aberta é aquela em que o pesquisador apresenta um tema inicial e o entrevistado caminha por onde preferir, podendo sua fala abranger vários âmbitos (experiências pessoais, elementos históricos, sociais e outros).

As conversas foram realizadas individualmente com os sujeitos em espaços escolhidos por eles e tiveram durações diferentes a fim de respeitar o desenrolar dos assuntos abordados entre as partes.

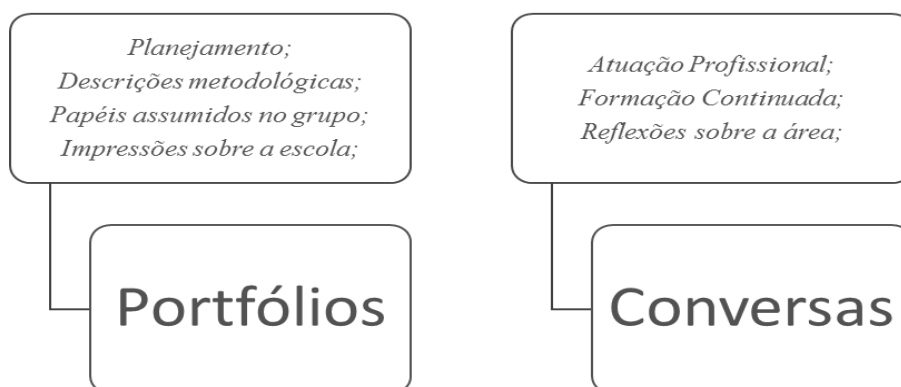
O objetivo das mesmas foi o de saber deles quais os processos educativos vivenciados no PIBID e qual a influência do mesmo em suas atividades profissionais como educadores musicais.

¹ No PIBID, os portfólios são documentos cujos bolsistas entregam semestralmente como forma de descrever as atividades que fizeram na escola, refletir sobre alguma experiência que considerou importante e ainda embasar teoricamente suas reflexões.

Realizada a coleta de dados, iniciamos a análise dos documentos e das conversas que foram transcritas de modo que encontramos categorias nos portfólios e outras categorias na leitura das conversas que foram transcritas.

Apresentamos os temas encontrados:

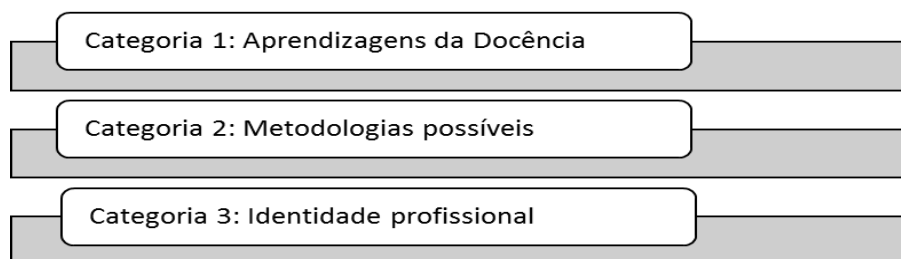
Tabela 1: Temas encontrados nos portfólios e conversas



Fonte: Produção do(a) pesquisador(a)

Feito este trabalho de destaque das falas e descrições juntamente com a aproximação dos conteúdos das mesmas, analisamos novamente e obtivemos novas categorias:

Tabela 2: Categorias de análise



Fonte: Produção da pesquisadora

Todas as categorias foram analisadas na dissertação, porém para este artigo escolhemos a terceira categoria “Identidade profissional” por apresentar aspectos da profissão de educação musical emergentes para o contexto que encontramos na área hoje.

Inserida nesta categoria, relataremos apenas a análise realizada dos documentos e diálogo realizado com o sujeito Matheus Pagliacci por escolha da autora.

Identidade Profissional

Se pensarmos a formação de professores como um processo complexo que unifica os saberes do desenvolvimento do sujeito nos aspectos de vida, poderemos compreender que “[...] a identidade não é um dado imutável. Nem externo, que possa ser adquirido. Mas, é um processo de construção do sujeito historicamente situado”. (PIMENTA, 1997, p.6)

Dessa maneira, trazemos para a análise desta dissertação falas de Matheus Pagliacci relacionadas ao processo de suas escolhas profissionais e suas próprias compreensões de como essa experiência o tem formado educador musical.

Em conversa com Matheus Pagliacci, percebemos que ele procura caminhos que apontam para a gerência de espaços educacionais em música. O termo “gerência” aqui traduz o envolvimento com relações organizacionais e de gestão.

Os documentos de portfólio também destacam o envolvimento com gerência. Durante o PIBID, em seu portfólio, ele destaca que uma das melhores aprendizagens que teve foi descobrir os papéis e funções de cada integrante de seu grupo de bolsistas para otimizar o trabalho na escola.

[...] Estar com oito pessoas foi uma problemática para a eficiência de cada um. Teve que ocorrer uma sistematização. [...]. As funções de cada um no grupo foram muito bem definidas – o embrião da noção de grupo com uma meta a alcançar foi um dos desdobramentos de mais destaque a meu ver. (Portfólio, Matheus Pagliacci, 2011)

Consideramos então, que nos registros e no diálogo com Matheus Pagliacci, a busca por sua significação social da profissão, termo utilizado por Pimenta (2000) sempre apontou para mesmo viés, o da gestão. Segundo ele,

[...] No PIBID e na experiência que eu tive também, durante a graduação, na CEC² e agora, aqui na empresa que trabalho, eu sempre tive um foco mais administrativo. Se eu fosse trabalhar em escola pública por exemplo; se você me perguntasse: “Matheus, o que você gostaria de trabalhar na escola pública?”, eualaria: “Gostaria de ser um gestor da escola, gostaria de ser um coordenador, diretor”, mas nem por isso eu deixo de ser educador musical, músico – por que essa é a minha formação... estou apenas na parte de ajudar na mão de obra, na infraestrutura. (Conversa Matheus Pagliacci, 2014)

Matheus deixa claro que sua identidade profissional está mais direcionada para a gestão, porém observamos que ele tem uma compreensão unificada da área de Educação Musical, tanto em aspectos micro, quanto macro.

Vimos a pouco que ele apontou a união dos próprios bolsistas em favor de um objetivo educacional único, porém neste último trecho, ele apontou experiências em outras áreas da profissão, ainda assim afirma que todas essas experiências estão conectadas por se tratarem de uma mesma “categoria”, a área na qual ele possui formação.

Eu acho que muita coisa da nossa classe, tanto professor universitário de Música, tanto o educador musical da escola particular, da escola pública, coordenador, gestor, projetos sociais... todo mundo tem que ter uma visão sistemática que a gente está no mesmo barco, a gente está na mesma categoria. (Conversa Matheus Pagliacci, 2014)

Hentschke (2001), aborda um posicionamento interessante neste sentido. Ela diz que deveríamos pensar a educação musical como uma área que possui suas “variantes” pedagógicas e didáticas, que são modificadas de acordo com seu contexto de atuação.

[...] estamos, há algum tempo falando de educações musicais, ou seja, não mais em uma educação musical com suas variantes pedagógicas e didáticas ou da educação musical realizada quer em conservatório quer em escola regular mas de educações musicais específicas, desenhadas de acordo com o espaço, a cultura, os recursos, etc. (HENTSCHKE, p. 68).

² Coordenadoria de Eventos Culturais – Universidade Federal de São Carlos. Na CEC, Matheus exerceu a função de gerenciamento de shows trazidos para a UFSCar desde a parte de pesquisa de bandas, orquestras e outros grupos musicais, a contratação dos mesmos, a recepção dos músicos e outras funções que o permitiram aprender sobre quais os processos por detrás de um evento cultural.

A autora aborda a questão pedagógica da área - as maneiras de se ensinar -, porém acreditamos que Mateus se expressa neste mesmo viés, mas dizendo das múltiplas “categorias”, como ele mesmo nomeia, que compõem a área de Educação Musical e que, como Hentschke disse, não pode ser caracterizada como outra Educação Musical e sim, como “variantes” da mesma área.

É necessário que compreendamos esses posicionamentos para entender melhor a identidade profissional de Mateus, que, segundo ele, não está à margem de sua formação como educador musical. Este é o sentido que ele dá à profissão:

[...] estou atuando como educador, pensando e gerindo uma escola de música, pois estou pensando nas pessoas, nos alunos e na educação musical deles. (Conversa Matheus Pagliacci, 2014)

Assim, o intuito desta análise é apontar que a identidade profissional do educador musical pode e deve ser singular. Sabemos que há muitos campos de trabalho e porém é de responsabilidade do próprio educador significar sua profissão de maneira consciente e satisfatória para si mesmo de acordo com as experiências de formação que busca.

O PIBID é um dos programas de incentivo à docência que permite que o educador experencie a área de maneira profunda e busque desde cedo significar sua profissão. Os processos educativos do trabalho em grupo, envolvendo respeito, diálogo, compromisso são necessários em qualquer prática pedagógica. O compromisso com a instituição; o processo de amadurecimento em relação à hierarquias préestabelecidas, a valorização das oportunidades, enfim, muitos aprendizados que foram capazes de delinear a identidade profissional de cada de Mateus na medida que ele mesmo construiu suas reflexões sobre as experiências vividas e as teorias estudadas.

Considerações finais

Discorreremos sobre o processo de construção da identidade profissional embasados pela teoria de Educação Musical Humanizadora.

Desse modo, afirmamos que, não importa onde este educador irá atuar: se ele irá atuar como professor da rede pública de ensino, se irá atuar em gerenciamento de uma

escola de música, ou se ele irá pesquisar sobre educação musical e projetos sociais. Entre outros espaços e campos de trabalho, queremos ressaltar com essa pesquisa que, em formação de professores, o contato verdadeiro com a escola e as práticas sociais que dela se originam trouxeram e podem trazer muitas aprendizagens pedagógicas e humanas para que o educador se sinta seguro e reconheça sua identidade como profissional.

Estas qualidades são ferramentas de potencial para que o educador que estamos formando seja realizado na prática social que atua e que construa no convívio com as pessoas um saber de experiência que o levará a formar-se em um processo dialógico, respeitoso e crítico.

Referências

BRITO, Teca A. de. **Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical**. São Paulo: Peirópolis, 2001.

BRITO, Teca Alencar de. **Koellreutter educador: o humano como objetivo da educação musical**. 2ª edição. São Paulo. Editora Peirópolis, 2011.

HENTSCHKE, Liane. A formação profissional do educador musical: poucos espaços para múltiplas demandas. In: **Encontro anual da abem**, 10, 2001, Uberlândia. Anais... Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, 2001. p. 67-74.

HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana. Aula de música: do planejamento e avaliação à prática educativa. In: HENTSCHKE, Liane; DEL BEN, Luciana (org). **Ensino de Música: propostas para pensar e agir em sala de aula**. Editora Moderna, São Paulo, 2003.

KATER, Carlos. "Porque Música na Escola?": Algumas reflexões. In: _____ **A música na escola**. São Paulo: Alluci & Associados Comunicações, 2012. p. 42-45.

KATER, Carlos. Música, educação musical, América Latina e contemporaneidade: (um) questão... **Anais do VI Encontro Nacional da ANPPOM**. Rio de Janeiro, 1993, p. 97-104.

PIMENTA, Selma Garrido (Org.). **Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor**. Nuances- Vol. III- Setembro de 1997. Disponível em: < [www.http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/download/50/46](http://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/download/50/46)>. Acesso em: ago. 2014>.

SOUZA, Jusamara. Caminhos para a construção de uma outra didática da música. In: _____ SOUZA, J. (Org.) **Música, cotidiano e educação**. Porto Alegre: Programa de Pósgraduação em música da UFRGS, 2000.